



ANDRÉ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO.

Lith de J Alves Leite

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

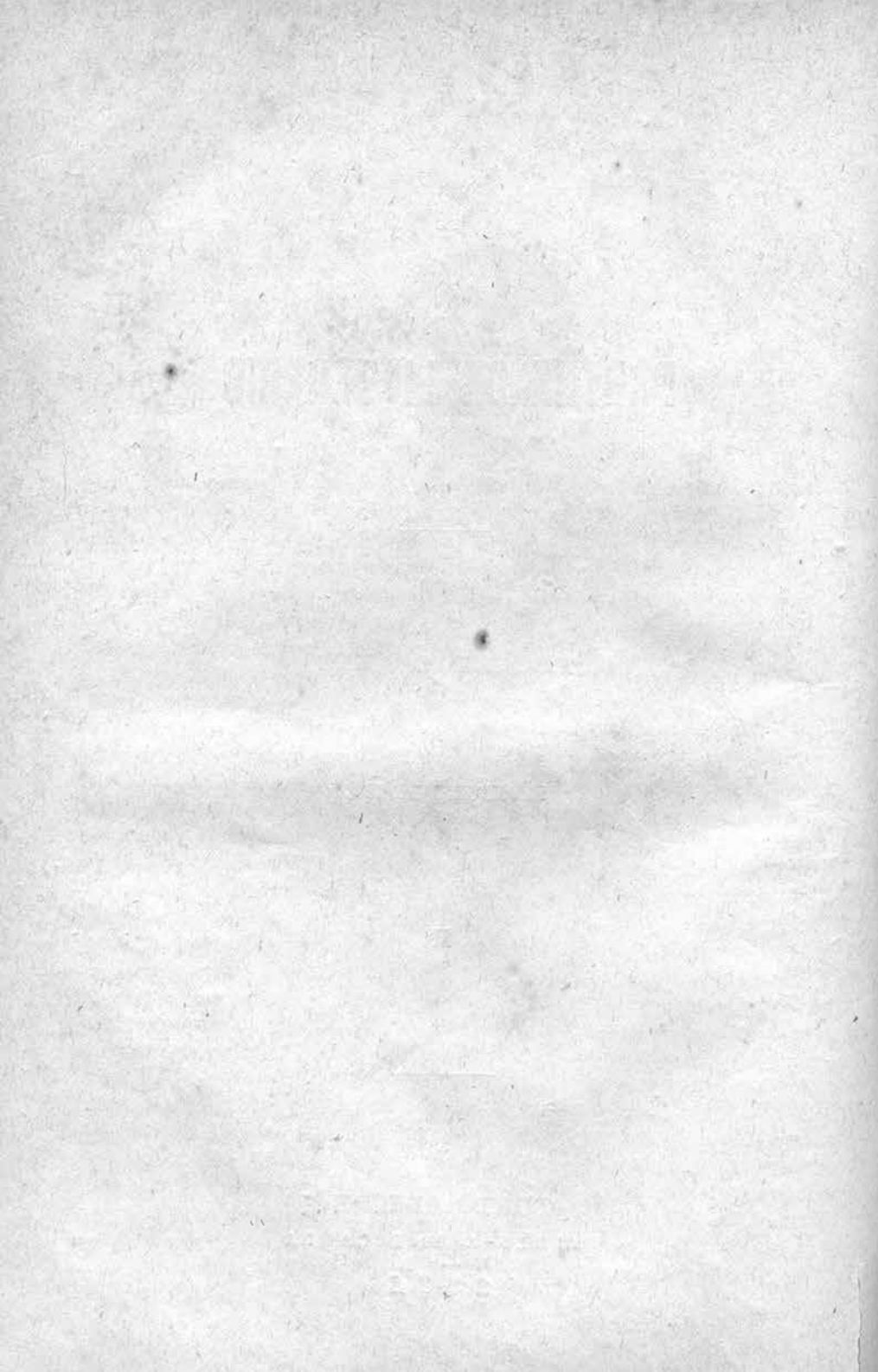
TERCEIRO ANNO

FEVEREIRO DE 1874

II

PORTO ALEGRE
IMRENSA LITTERARIA

1874



ESBOÇO BIOGRAPHICO

CORONEL ANDRÉ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

A historia politica de nosso paiz, tão cheia de memoraveis exemplos e de fataes' consequencias, com relação aos Estados Platinos, offerece-nos, desde os mais remotos tempos, em cada uma de suas paginas uma decepção tremenda, um mallogro indigno ou um sacrificio esteril.

Os odios de raça, que separão os dous povos limitrophes da península européa, transportados para o novo mundo, encandecidos por paixões inconfessaveis, avigorados e explorados por uma política tergiversadora e funesta; — differença radical de instituições, educação, costumes e indole, subdividem a America do Sul e impõem-lhe limites mais significativos e perduraveis do que as barreiras erguidas pelos convenios, ou os sulcos traçados pelo Amazonas e Paraná: de um lado o colosso imperial, do outro um acervo de republicas, cuja nacionalidade difficilmente se reconhece esgarada entre o elemento estrangeiro, nos escombros das convulsões intestinas, ou então attrahindo-as pelo iman patriotico. Para esses povos acordarem do estupor do enfraquecimento e da extenuação resultantes das lutas, em que diuturnamente se dilacerão, só ha um brado, brado que lhes vibra n'alma e os electriza, é o de — guerra ao Brazil!

A America meridional surgindo dos seios dos oceanos, ainda semi-envolta nas neblinas do incognito, vio tremular na vastidão incommensuravel de seus horizontes dous estandartes inimigos; seus primeiros echos fôrão acordados pelo ribombo dos canhões, que traduzião no mundo de Colombo os protestos de amizade perdidamente trocados pela diplomacia da Luzitania e Castella.

São factos salientes da historia a exploração do rio de Solis

o cerco e tomada da colonia do Sacramento por D. José Garro, sua restituição á corôa portugueza pela convenção, logo rasgada, de 1704, para ratificar-se por uma disposição do tratado de Utrecht em 1715; o tratado de limites de 1750, tornado infructuoso e impossivel pelo marquez del Val de Rios, e produzindo as terriveis incursões de 1762 e 1763, em que Ceballos apoderára-se do Rio Grande e Santa Catharina, as quaes pôz termo, entretanto não definitivo, o tratado de Paris, promovendo a convenção de limites tratada em 1777, que, a seu turno, foi falseada machiavelicamente pela invasão que, subindo as aguas do Paraguay, vai em Nova Coimbra pagar, na derrota que soffre, a fraude e o arrojio que a animava.

O falseamento eterno, os ataques indirectos e traiçoeiros, o brutal conculcamento do direito das gentes, esse romper de tratados, violados logo depois de ratificados, esses convenios turgidos de fraude, constituem o labyrintho medonho em que erramos sem tino todos os povos d'America meridional, esperando o maravilhoso fio d'Ariadne, que entretanto, na evidencia dos factos, se nos demonstra em relevo: tomarmos a attitüde condigna ante esses povos educados nas escaramuças e tiroteios da caudilhagem, e nas guerrilhas fratrecidas.

Esse grande e sabio mestre, o livro do passado, a historia, parecia conculcamento não existir na bibliotheca do gabinete de S. Christovão, ou estar lacrado com os sellos do olvido!... nem siquer a nefasta pagina de Ituzaingo transluzia na retina embaçada pelas paixões partidarias! E assim viamos com profunda magoa tornarem-se praticas theorias utopicas e ruinosas para paizes em condições politicas e geographicas como o nosso, relativamente aos povos, que nos flanqueão todo o occidente e parte sul do Imperio.

Essa politica de paz, se não era, como transparecia, stereotypando-se em factos, o jogo do interesse collectivo em proveito de uma ambição, ou em desafogo de um despeito injustificavel, era ao menos imprevidente e damnosa á integridade nacional, porque ruia o unico poder capaz de a guardar incólume, de a fazer respeitar pelos povos circumvizinhos, para quem a surpresa e a traição são principios de strategia; a má fé, a ingratição e o odio, elementos principaes de politica internacional.

Esse unico poder, a que alludimos, era o representado pelas armas: o exercito e armada imperiaes, que se procurava abater, fomentando sua desorganisação e desprestigio pelo cerceamento das garantias da classe, pelo nenhum interesse de sua parte material e technica, e pela desmoralisação que se procurava infiltrar n'essas duas grandes arterias nacionaes.

A extincção do exercito e armada, ou só de um d'esses ele-

mentos poderosos, ou simplesmente sua redução, importaria para nós a diuturna violação da integridade nacional por parte das republicas limitrophes, expondo-nos indefesos ás barbaras correrias, que repetidas vezes nos têm talado o territorio roubando-nos a tranquillidade, a propriedade e a existencia.

Justa aliaz perante a moderna philosophia, benéfica talvez, para paizes em certas e determinadas circumstancias, para o nosso, repetimos, essa politica foi fatalissima, mórmente para esta nobre e heroica victima dos erros do governo, a provincia do Rio Grande do Sul, como nos evidenciarão os tristes acontecimentos de 1864 e 1865, e que se prolongarão até 1870, terminando em Aquidaban a maior das epopéas sul-americanas, com a morte de um despota mais cruel que Nero, a quasi extincção de uma nacionalidade fadada para ser grande, após custar-nos oceanos de ouro, de lagrimas e de sangue precioso.

Quanta aspiração se não quebrou ahi d'encontro as negras escarpas da eternidade!

Quanta gloria se não cunublou nas pavidas sombras da morte, transfundindo-se para a familia em viuvez, orphandade, assolação e desamparo e para o exercito e patria em perda immensa e irreparavel!

Quem não relembra, com o coração refrangido pela dôr, com o espirito ainda aterrorado essas lugubres scenas da Jaffá americana, esses lugubres dias em que o cholera, as febres, a gangrena, a fome e a metralha dizimavão as victoriosas legiões do imperio da Cruz, os galhardos soldados da alliança?

Quem não sente n'alma repercutir ainda, dolorosamente, o echo da queda d'esses heróes, que se chamarão João Manoel, Machado de Bittencourt, Andrade Neves, Netto, Gurjão, Argolo e tantos outros, que tombarão como os cedros do Lybano desarraigados pelo raio, como os penhascos que a furia cólica arrebatada da alcantilada cumieira dos Andes, esfacellando-os, e precipitando-os em saraiva de granito ás profundezas de mysteriosa corrente com fragor horrisono?!

Quem não sente ainda pungir o pranto da dôr e da saudade, quando, evocando a reminiscencia, recorda essas scenas de barbara carnagem de Riachuelo, da Ilha da Redempção, do Estero Bellico, de 2 e 24 de Maio, de 16 e 18 de Julho, e após de 3 de Novembro, todas em Tuyuty; as de Curuzu, Curupayty, Humaytá, Ivalhy, Lomas Valentinás, Peribebuy e Itororó, essa pavorosa Lódi, onde sobre o cadaver do imperterrito Fernando Machado cahio heroicamente Souza Guedes e a seu lado os bravos Azevedo e Eduardo Fonseca, entre milhares de victimas illustres?!

Sob os olhos temos o retrato e alguns apontamentos biographicos de um d'esses heróes-martyres, de um rio-grandense il-

Ilustre, de uma d'essas puras glorias militares, cujas irradiações: embalde tentou a obcecação politica empallecer os brilhos, e que tão precozmente a morte eclypsára na tremenda thebayda para-guaya.

E' esse retrato o do mallogrado coronel André Alves Leite de Oliveira Bello; são esses dados chronologicos a historia de seus mais gloriosos que galardoados serviços.

Fallece á obscura entidade, que traça este artigo, a competência para escrever uma biographia; mas supre a deficiencia do escriptor a verdade historica e o prestigio e gloria do nome illustre que invoca; e essa consciencia do dever estimula-lhe o animo para trazer á galeria dos rio-grandenses illustres o nome do benemerito veterano.

E' uma homenagem que em nome da heroica provincia do Rio Grande do Sul, vem o *Parthenon* render á memoria de um proeminente brasileiro, que se illustrou por suas virtudes, valor e serviços á causa da patria ligando seu nome a todos os grandes acontecimentos militares que nos tem abalado, como seu irmão o finado dezembargador Bello, o ligára aos da politica, da magistratura e da administração.

E' bem simples a homenagem que lhe prestamos; ella porém parte do imo d'alma da mocidade, thuribulo casto e sagrado, unica onde ainda transcendem os perfumes da crença e da gratidão.

Continúa.

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

PAI FELIPPE

(NARRATIVA)

V

O CASTIGO

Depois de fechada a senzala collocou-se o Maneca por traz d'um esteio da cancha.

Não esteve meia hora n'esta posição, que um vulto cosendo-se com as sombras vio vir-se encaminhando ao longo da cerca direito á senzala.

A' voz de — quem vem lá — ninguém respondeu.

O vulto parou-se e agachou-se. A um grito do capataz acudio o rondador que andava com os caxorros rondando o varal.

Era o Manoel Chimango que, aproveitando a parada do serviço, tinha ido fallar a um preto d'um visinho, e que na diligencia demorára-se mais do que suppunha. Tendo percebido a senzala fechada, vinha com toda a cautella ver se fallava a algum parceiro para saber se tinha sido notada a sua auzencia.

Na occasião de approximar-se do rancho, ouvindo inesperadamente a interrogação do Maneca, agachára-se e calára-se a ver se o illudia e podia escapular. Quando menos esperava a cachorrada sobre elle se atirou e logo sobre a cabeça, braços, hombros e costas sentia formidaveis lambadas.

Era o terrivel capataz.

Amarrado e esbordado foi mettido no tronco.

Que de pensamentos medonhos não assaltarão durante a noite a cabeça do captivo? Que de idéas e planos tenebrózos? Quanto sentimento de dôr e de odio não extravasou o coração amargurado do filho bastardo do soffrimento!?

A' meia noite souo o toque de despertar e a negrada silenciosa marchou para a cancha. O frio era intenso.

Ao nascer do sol foi por momentossuspensio o serviço, afim de ter execução o supplicio do delinquente. Diante da escravatura formada em quadrado foi trazido o Manoel Chimango a soffrer a punição e o exemplo para escarmento á futuros delictos.

O rondador, portuguez robusto e valente, que accumulava tambem na charqueada o emprego de carrasco, entrou para o centro do quadrado muniido de laço.

E começou a desandar a sova.

Os primeiros laços forão aguentados pelo paciente com resignação; mas depois foi uma orchestra de gemidos e ais, afinados pelas dôres e soffrimentos mais atrozes, que trarião piedade ao mais duro coração.

Manietado e de joelhos, a cada novo laço contrafia-se no desespero da dôr, clamando o auxilio de Deus e de todos os santos, chamando a piedade dos corações calejados no espectaculo diario de identicas execuções.

Com a dôr dava pulos, mas com os braços atados para as costas e as pernas maneiadas cahia de novo de joelhos batendo com a face no duro chão. Aos quarenta laços, das nadegas csguichou-lhe o sangue.

Dos cincoenta em diante começou a apagar-se-lhe a voz e a ouvir-se-lhe mais debeis e mais fracos os gemidos.

Os olhos injectados de sangue parecião querer-lhe sahir fóra das orbitas, loucos de dôr e de desespero.

Por não se poder mais suster de joelhos foi em pé atado a uma taboa raza, com as costas para o algoz, e o castigo proseguiu.

O chão era uma poça de sangue; o corpo do infeliz transformára-se em uma chaga; no laço esmigalhavão-se pedaços de carne.

Aos noventa laços o negro desmaiou.

E a punição havia terminado.

VI

DESCANÇO DE BOIS E DEVER EE UM CUMPRIDO Á RISCA

O escravo desfallecido foi levado para o hospital.

Na xarqueada proseguia com actividade a matança, que não tardava a terminar. Cento e sessenta rezes já tinham sido mortas.

Alguns carneadores de cançados não podião mais trabalhar.

Um atreveu-se a chegar ao Maneca Gomes e dar parte de doente.

— O que! patife!... pois tu, ladrão, manheiro, queres ganhar o hospital? Já p'ra cancha. O teu lugar é lá; se estás doente, se queres estirar o mulambo, o teu dever é morrer em cima do boi. Já ladrão!...

Pai Felippe desde muito soffria do coração: uma aneurisima lhe estava minando a vida. A's vezes o carneador sentia faltarlhe o ar e uma suffocação subir-lhe á garganta que parecia querer estrangulal-o. Uma dôr agudissima o trespassava.

Desde dois dias tinham sobrado de intensidade e de violencia os seus soffrimentos: espremido pela dôr, de continuo o seu coração dissorava lagrimas. De seus olhos ás occultas o pranto borbulhava; mas o velho carneador, calando as magoas vergado sobre a rez, trabalha sem soltar uma queixa, sem exprimir um lamento.

A cancha ondas negras aos borbotões despejava nos regos que suas empoladas vagas rolavão para o rio.

O sol morno começava a espalhar seus pallidos raios sobre a xarqueada.

O Manoel Chimango mal firmando-se nas pernas, a soffrer o martyriode mil indefinidas dôres, agarrando-se ás paredes, sahio do hospital. Tomára uma resolução desesperada: não podendo erguer contra seus algozes o ferro homicida da vingança, elle ergueria para cravar sobre seu peito a faca do suicidio, que livraria a escravidão de mais um movel e a tyrannia de mais uma victima.

A poucos passos, no terreiro, sobre uma pedra, estava uma faca; arrastando-se custosamente elle chegou-se a ella e empunhou-a. Fazendo dolorosos esforços ergueu o braço e com todo o custo cravou-a no peito; convulsivamente arrancou-a e varejou-a longe.

No proprio lugar do castigo cahio, espadanando o sangue de

seu coração sobre o sangue que do corpo lhe derramarão seus tyrannos.

E varios negros para lá se precipitarão...

Ao mesmo tempo ouviu-se uma bordoadá e logo um grito do Maneca Gomes na extremidade da cancha.

Pai Felippe contorcendo-se de dôres trabalhava. Estava tirando o couro de um novillo, quando contrahindo-se-lhes pela dôr os musculos da mão, a faca resvalando furou o couro.

O capataz, que estava atraz, assistio-lhe com a cotia vigorosa porretada sobre o hombro.

O negro ergueu o póрте altivo fulo de raiva, de narinas abertas e olhos em que brilhavão relampagos.

A seus pés esperneando a espadanar sangue em borbotões o novillo estrebuchava.

Subito estacou nas vascas da agonia. A' bocca lhe assomou uma escuma sanguinosa; a aneurisma arrebtára-se; os seus olhos virarão-se e revirarão-se; elle fez um esgar medonho; deu um ronco prolongado e profundo, e sobre o novillo agonisante cahio inteiriçado e morto.

VICTOR VALPIRIO.

Pelotas — 1873.

BENEDICTO

(ESBOÇO D'UMA COMEDIA)

DECORAÇÃO

Sala em casa de Antonio. No fundo, á esquerda uma porta que dá para um corredor, á direita duas janellas; portas lateraes. Mobilia simples. No centro da scena uma mesa que Benedicto prepara para o jantar.

PERSONAGENS

Antonio, pai de Marfiza, empregado publico, 40 annos.

Marfiza, 18 annos.

Alfredo, sobrinho de Antonio, 27 annos, tenente de infantaria, recommendavel pelo desplante marcial e os enormes bigodes, estouvado, character franco.

Joaquim, ex-sacristão, 50 annos, obezo, beato e usurario, com a mania do casamento.

Benedicto, 14 annos, escravo de Antonio.

SCENA I

Benedicto so, pondo a meza, com alguns pratos n'uma mão.

BEN. — Ah! nhonhô vem ás tres horas e Benedicto ha de estar com as tripas no estomago... Oh! Benedicto não póde supportar! Benedicto tem fome e ha de ficar calado?! Não... não...
(*Prescrutando em todas as direcções e não vendo ninguém, tira algumas azeitonas; comendo*) Ah! bom petisco que é uma azeitona! Por isso nhonhô gosta tanto...

SCENA II

O mesmo e Joaquim que entra pelo fundo.

JOA. — Louvado seja Deus e a Virgem Santissima n'esta casa...

BEN. (*ar malicioso*) — E todos que a ella venhão.

JOA. — Amen. Onde está Antonio? Ainda não veio?

BEN. — O nhonhô? Está na repartição, Sr. Quincas Sacristão.

JOA. (*á parte*) — Ah! moleque! moleque! (*Alto*) Por S. Thiago! que sinto cocegas de... Deixa estar que vindo Antonio... Não sou mais sacristão... Entendes, maroto?

BEN. (*ingenuidade simulada*) — Ah! Sr. Quincas, perdão. Benedicto segue o costume.

JOA. — Bem. (*Caminhando de um para outro lado da scena, sem ver o crioulo que lhe macaquêa os movimentos e põe-lhe um rabo de papel nos botões do casaco*). Felizmente tirei a licença, caso-me com a bella Marfizinha por obra e graça da Santissima Trindade, antes que chegue o tal mata-mouros do Paraguay. Oh! dizem que é um... um... (*Persignando-se*) Meu Deus! ia pronunciando o nome do máo espirito! Dizem que é capaz de enfiar um camello pelo fundo d'uma agulha.

BEN. (*á parte, indigitando-o e rindo-se*) — O sapo está caminhando! Patife! Fez Benedicto apanhar uma duzia de bolos do nhonhô! Deixa estar, deixa estar, Benedicto não dorme...

JOA. (*que tem continuado no passeio*) — Antonio precisa de

dinheiro, deve-me já bastante... Mesmo que venha o maldito primo... Não, não, é preciso que elle não me encontre ainda em preparativos. (*Pausa*) Mas onde estará Marfiza? Esta moça não tem economia, é desperdiçada... Peia Virgem Santissima, tenho que educal-a! (*Charanéo*) Benedicto! (*Olhando e não o vendo, pois elle se acha por detraz*) Benedicto!...

BEN. (*soltando estrepitosa gargalhada*) — Está cego!

JOAQ. (*furioso*) — Ah! miseravel, que fazias atraz?

BEN. (*rindo-se*) — Benedicto via a sombra... (*com as mãos traca um circulo em si como o do immenso abdomen de Joaquim*).

JOA. (*o mesmo*) — Rebento, por S. Thiago!

BEN. (*recuando a um gesto ameaçador de Joaquim*) — Ah! pensa que Benedicto esquece os bolos?... Benedicto guardou aqui a lembrança (*indigita a fronte*), aqui a raiva (*indigita o coração*), está agora desforrando-se. Elle sabe quem quer namorar sinhá, mas sinhá não dá corda, não, porque ha de casar com o Sr. Alfredo, o bonito official.

JOA. (*furioso vai sobre elle com a grossa bengala alçada*) — Já te ensino, por S. Thiago!

BEN. (*correndo em roda da mesa e atirando de proposito uma ruma de pratos no chão*) — Hui! Hui! que me matão! soccorro!

SCENA III

Os mesmos e Marfiza que entra assustada

MAR. — Que é isto?

JOA. (*esbofurado*) — Perdão, Marfizinha. Vou contar...

BEN. (*interrompendo-o presto com voz de choro*) — Benedicto vai contar, sinhá. O Sr. Quincas outro dia fez-me apanhar uma duzia de bolos, dizendo que Benedicto pulou em seu quintal para comer as fructas e sinhá sabe que elle não sahio mais á rua; mas o Sr. Quincas que tem-lhe raiva entra hoje aqui e começa a dar-lhe pancadas, dizendo:

JOA. (*que tem feito inutilmente esforços para fallar*) — Virgem Maria, que mentira!

BEN. (*continuando*) — Anda, anda, foste-me outra vez ás fructas. (*Joaquim persigna-se pasmo de admiração.*)

MAR. (*com um gesto imperioso*) — Retira-te, insupportavel!

BEN. (*retirando-se com choro ruidoso.*) — Ai! Ah! está, sinhá contra mim!

SCENA IV

Os mesmos menos Benedicto que os espreita d'uma porta

MAR. — O senhor ha de desculpar. Adivinho tudo ; mas este moleque é incorrigivel. Só vendendo-o ; meu pai não póde mais com elle. Todos os dias são queixas e mais queixas ; da visinhança, dos que passão, e emfim de todos com que póde achar-se em relação. E' um diabrete que...

JOA. (*afflicto*) — Oh ! não pronuncie mais o nome do tihoso, Marfizinha !

MAR. — Esqueci-me, mas...

JOA. (*interrompendo-a*) — Fallemos de nós, esqueçamos aquelle patife.

MAR. (*admirada*) — De nós ?

JOA. — Sim, os céos protegem nossa felicidade, seremos todos muito aventureados, todos...

MAR. — Não o comprehendo, senhor.

JOA. (*affectuoso*) — Pela Immaculada Conceição não graceje com tão puro sentimento.

MAR. — Repito : não o comprehendo.

JOA. — Nosso casamento.

MAR. — Nosso casamento ? !

JOA. — Não o sabe ? ! (*A' parte*) Como está commovida ! Tem razão.

MAR. (*confusa*) — Mas senhor... nada sei, meu pai...

JOA. — Deve ser assim mesmo... Tal noticia dada sem rodeios... a emoção agradável... o pudor... O culpado é o Antonio...

MAR. — Falla serio ! ?

JOA. — O duvida ?

MAR. — Então pretende-me ?

JOA. — Amo-a, Marfizinha.

MAR. (*grave*) — Sr. Joaquim dê-se ao respeito. Cincoenta annos são a idade do juizo.

JOA. — O casamento, o amor são uma loucura ? Virgem Santissima !

BEN. (*pondo a cabeça na scena, á parte*) — Ui ! velhote, toma foguete !

MAR. — São uma loucura, quando ha a disparidade de condição e idades.

JOA. — Mas Marfizinha, ha corações que não envelhecem. Por Christo o attesto ! O meu é assim. Está como aos vinte annos, joven, ardente e forte, é uma chamma, um incendio constante. Se soubesses, Marfizinha !

MAR. — Póde ser, comtudo não quero enganar-o. Amo a Alfredo desde criança. Que quer? Ninguem governa seu coração, e o primo já no tempo que eramos pequeninos foi o meu unico sonho, a minha unica esperança.

JOA. — Por piedade ! não me falle d'esse moço, é o meu tormento. Quando oiço-lhe o nome, o inferno com suas labaredas enche-me o peito. . . E sabes tu o que seja o inferno ?

MAR. — Por certo não vai dizer que é o primo.

JOA. — Não sei, mas seu nome. . .

MAR. — Parece uma harmonia. . .

JOA. (*suspirando*) — Antes fosse ! Sua vista me encherá. . .

MAR. — De alegria ! De alegria ! Em breve o teremos.

JOA. — De terror ! De terror ! Deus nos livre d'elle.

MAR. — Senhor, acabemos com semelhante jogo. Vai se tornando bastante ridiculo para que eu queira tomar parte. Quem deu-lhe motivos para aspirar minha mão ?

JOA. — Teu pai, Marfizinha de minha alma.

MAR. — Meu pai ? E' impossivel. E mesmo que fosse elle, repito de novo que Alfredo será meu marido. Se meu pai não o quizer, prefiro morrer solteira a unir minha existencia a um homem que afinal hei de aborrecer.

JOA. (*cahindo de joelhos*) — O' piedade ! Eu te amo. . . Se tu soubesses quanto fogo requeima-me o peito ! Como remôço á luz de teus olhos ! Serás a mulher mais feliz da terra, eu te juro pela Virgem Santissima, por S. Thiago. Attende-me. Terás as mais lindas joias. . . (*quer tomar-lhe uma das mãos*).

MAR. (*indignada*) — Isto é demais ! (*volta-se e sahe*),

SCENA V

O mesmo de joelhos e Benedicto que entra com as mãos abertas sobre o nariz

BEN. — Carão ! Carão ! Pum ! Pum ! Carão ! Foguete !

JOA. (*erguendo-se furioso e tomando o chapéo e a bengala*). — Por S. Pedro e S. Paulo e todos os santos apóstolos, que me vingo ! Has de casar comigo, mulher orgulhosa, has de ser minha, eu t'o juro ! (*Sahe*).

SCENA VI

Benedicto so, correndo á janella

BEN. — Holá, sachristão, por que vais tão triste?! Cara do tihoso! (*dando assovios*) Sapo! Pipa! Carangueijo! Perú! (*novos assovios*) Ah! já virou a esquina. Benedicto agora está vingado dos bolos. (*Olhando para o outro lado da rua*) Que bonito militar lá vem! (*Sahe da janella*) Se Benedicto pudesse ser soldado!... (*Perfilando o corpo*) Hein? bonita figura, corpo direito! O' muito olhinho havia de ver-me com inveja, muita crioulinha havia de ter por Benedicto o coração assim: tic-tac, tic-tac! Upa! Benedicto com farda, botões amarells, espingarda e baioneta luzindo como prata, era mais que o rei, sahia cinza! Vamos ver o official. (*Vai á janella*) Mas... os olhos de Benedicto não se enganão. É' o Sr. Alfredo barbado como o diabo! É' elle mesmo (*Correndo á porta que dá para o interior, gritando*) Sinhá, sinhá! Venha...de pressa, sinhá!

SCENA VII

O mesmo e Mariza

MAR. — Benedicto, que barulho é este? Ah! crioulo incorrigivel!

BEN. (*saltando no meio da casa*) — Que alegria, sinhá! Viva a patria! Toca a musica! Foguetes ao ar!

MAR. — Benedicto, estás doido!?

BEN. (*sahindo pela porta do fundo*) — Que alegria!

MAR. — Não sei quando meu pai ha de livrar-se d'este maldito crioulo!

SCENA VIII

Os mesmos e Alfredo

ALF. (*ainda no corredor*) — Com mil bombas! deixa-me, eu-demoninhado d'uma figa. (*apparecendo*).

BEN. (*tendo-lhe a mão e beijando-a com enthusiasmo*) — Bônito official!

MAR. — Alfredo! (*indo a elle*).

ALF. — Marfiza! (*Abraçando-a*).

BEN. (*contemplando-os com prazer*) — Bello par! Nascerão um para o outro. Agora é que o sachristão vai dar urros.

MAR. — Ah! Alfredo, não imaginas quanta anciedade e sustos tenho soffrido! A' noticia de cada cõmbate, quando a cidade estremeceia jubilosa. eu chorava.

ALF. — Com mil bombas e Satanaz! Quem deixa uns tão bellos olhos, um sorriso tão feiçozeiro lá tem vontade de morrer nos infernaes *esteros* do Paraguay?

MAR. — Tambem não passou noite, Alfredo, que em minhas orações não pedisse por ti á Deus. . .

ALF. (*beijando-lhe a mão*) — As orações de um anjo são sempre ouvidas pelo céu. Eis-me aqui. Vim, voei para realizarmos os mais bellos sonhos de nossa vida, Marfiza. Teu amigo de infancia, inda que estouvado, tem conservado fiel e religiosamente as lembranças do passado. Não tem decorrido um só dia que elle não evocasse em seus pensamentos as juras que fizemos reciprocamente. Sangue de Deus! para que dizer o que adivinhas?

MAR. — E' verdade. Porém vou fazer-te um pedido.

ALF. — Um?! mil, Marfiza. Quem lutou no Paraguay cre-se com coragem de ir até o inferno. E não ha de ser peor.

MAR. — E' que deixes essas medonhas expressões militares que me causão tanto espanto como as invocações religiosas do Quincas Sachristão.

ALF. — Prometto, prometto, apezar de não crer que isto esfric nosso amor. (*A Benedicto que está junto á mesa a contemplal-o extaticamente*) Benedicto, prepara-me uma limonada, que estou a suar por quantos pórbos tenho.

BEN. — N'um momento. Sr. official.

MAR. — Não, fica, crioulo; eras capaz de fazer alguma das tuas.

ALF. — Tão bellas mãos devem dar duplo valor, produzir um philtro capaz de tornar santo ao mesmo demonio.

MAR. (*que vai sahir, voltando-se, na porta*) — Olha. . . a promessa? Esqueceste bem depressa.

ALF. — Esqueço-me de tudo, menos de ti. Quando reincidir novamente, castiga-me com doces sorrisos, olhares ternos, uma luzia de abraços e. . .

MAR. (*o interrompendo*) — Meu Deus! Basta. Com pouco se contenta! (*Sahe*).

SCENA IX

Alfredo e Benedicto

ALF. (*que senta-se junta à mesa tira algumas azeitonas, parte um pão e começa a comer com formidável appetite*) — Afinal que vou quebrar uma lança em Africa. O hymineo é uma nova batalha, uma nova campanha; mas com a prima deve ser um céu aberto! Eu sei que meus companheiros, meus amigos vão abrir uns grandes olhos, dar gritos de espanto: não importa, Marfiza é um demoninho a quem Deus mesmo sentiria dificuldades em resistir! Boas azeitonas!

BEN. (*affagando os côpos da espada de Alfredo*) — Hein, bonito official? Aquillo por lá havia de ser feio? Mas Benedicto queria ver com esses olhos que a terra ha de comer... O Sr. Alfredo como não devia estar faceiro com a banda de seda e espada á cinta? (*Tirando a espada da bainha*).

ALF. — Benedicto! socoga, maldicto! Com mil bombas!

BEN. (*esgrimindo a espada*) — O' se Benedicto estivesse lá! Era assim. (*Dá um bote*) Paraguayo em terra... Assim... (*repete*) Paraguayo sem cabeça... Assim... (*repete*) Paraguayo sem pernas... (*vai pôr a espada na bainha*).

ALF. — Não te emendas, vais de mal a peor.

BEN. — Veria! Veria! se Benedicto estivesse lá... (*pensativo*) Sr. official...

ALF. — Que queres? Falla.

BEN. — E' uma coisa...

ALF. — Pois falla com todos os diabos!

BEN. — O Quincas Sachristão quer casar com sinhá e por isso tem um odio do Sr. official!

ALF. — Aquelle ratão de igreja!?

BEN. — Sim, sim, elle fallou a nhonhô, e não sei o que ha que nhonhô tem medo d'elle?

ALF. (*levantando-se*) — Deixa-o comigo, que cóрто-lhe as orelhas á primeira vez que incomodar-me. Diz isto mesmo á elle.

BEN. — E elle falla muito mal do Sr. official.

SCENA X

Os mesmos e Marfiza que entra com a limonada

ALF. (*bebendo*) — Como vai o tio Antonio? Ainda o não vi.

MAR. — Está na repartição, mas não deve tardar.

ALF. — Pois vou n'um instante buscar a bagagem e volto para jantar. Não lhe digão nada; quero causar surpresa. (*Abraça Marfiza e sahe*).

MAR. — Volta de pressa. (*Vai á janella e segue-o com a vista por alguns instantes. A Benedicto*) Não achas que o primo mudou?

BEN. — Se mudou!

MAR. — Está muito mais bonito.

BEN. — Bonito só?! E' uma maravilha! Que bigode! Faz-me morrer de inveja. (*Passa a mão pelo beiço*) O meu está tão longe! (*Em segredo*) Sabe uma coisa, sinhá?

MAR. — O que?

BEN. — O Sr. official vai cortar as orelhas do Quincas Sachristão.

MAR. — Estás doido!?

BEN. — Elle disse, pois Benedicto contou que o sachristão queria casar com sinhá, e o que elle fez hoje, aqui mesmo.

MAR. — Olhem este crioulo! Deixa estar... Se houver alguma novidade meu pai será sabedor de tudo. Vê se não falta alguma coisa na mesa, enquanto vou mandar preparar mais alguns pratos. (*Sahe*).

BEN. (*ar malicioso*) — Chegou o Sr. official! E' preciso lembrar que fação umas trouxas d'ovos para sobremesa. O Sr. official gósta d'ellas, e Benedicto muito mais ainda.

SCENA XI

Antonio e Joaquim

JOA. — Antonio, temos muito que conversar.

ANT. — Pois falla, homem.

JOA. — Por S. Thiago que teu Benedicto continúa a incomodar-me.

ANT. — Ainda?

JOA. — E' verdade. Hoje estive aqui, e além de pôr-me um rabo de papel que fez-me servir de alvo de rizotas na rua, quebrou aquelles pratos, dizendo que fui eu o autor. Pela Virgem Santissima que não vi outro igual!

ANT. — Vou castigal-o. Tratante! Insupportavel!

JOA. — Espera um pouco, tenho ainda muito a dizer-te sobre mais importante negocio. Tu sabes, preciso casar-me. Na minha idade o isolamento é um martyrio, por Christo! Em vista d'isto tenho a preparar a casa... Se podesses dar os dois contos que me deves...

ANT. (*pensativo*) — Mas, homem, ha dias fizeste um pedido que podia conciliar nossos interesses, além de que hoje é impossivel restituir-te essa quantia... Estou atrazadissimo, Quincas...

JOA. — E' certo, tive ideias sobre a Marfizinha, mas crês que tua filha esteja pelos autos? E' moça, gósta d'um primo mata-mouros que está no Paraguay, o que se vem por ali dá com tudo em vazabarris.

ANT. — Em minha casa sou o soberano senhor, e Marfiza não tem outra voutade que a de seu pai.

JOA. — Mas hoje fallando-lhe sobre o assumpto, tratou-me d'um modo!...

ANT. — Crianças não tem querer, nem gostos. Eu quero, tanto basta.

JOA. — Então, pela Santissima Virgem e S. Thiago, facamos o mais breve possivel. Receio muito a chegada do tal primo, que, além das pessimas qualidades adquiridas na tarimba, é um espadachim da primeira força, desrespeitador das familias, dos sagrados mysterios de nossa veneranda religião, fuma dentro das igrejas, não conhece as virtudes consoladoras d'uma hostia, espanca os padres, joga noite e dia, bebe sem termo...

ANT. — Estás mal informado. O rapaz é um soldado ás veras, mas não tanto assim.

JOA. — E' o que consta. Porém, fallemos do nosso negocio. O casamento faz-se amanhã.

ANT. — Amanhã? Tão depressa!

JOA. — Que tem?

ANT. — E o enxoval?

JOA. — Está prompto. Não te deem cuidado os preparativos; pertencem-me.

ANT. — E a licença, pregões e outros arranjos?

JOA. — Preveni-me a tempo, mercê de Deus.

ANT. — Então é preciso avisar a filha.

JOA. — No jantar. Antes não esqueças de castigar o Benedicto; porque não sei até quando ha de faltar-me o respeito.

ANT. (*para o interior*) — Benedicto!

BEN. (*entrando alguns instantes depois*) — Que quer, nhonhô?

ANT. — Traz-me a palmatoria.

BEN. (*com ar triste*) — A palmatoria?

ANT. — Sim, patife, e depressa, porque então...

BEN. (*sahindo*) — Ah! Sachristão! Sachristão!

ANT. — Quincas, tu mesmo pespega-lhe duas duzias de bolos.

JOA. — Eu?!

ANT. — Sim, é o meio de ter-te respeito. E se reincidir, não me digas mais nada, vai castigando-o por tua conta e risco.

JOA. — E' real, é o unico meio, pela Virgem Santa!

BEN. (*com a palmatoria, chorando perdidamente*) — Benedicto não fez nada, nhonhô. E' uma intriga. O senhor Quincas levantou um azeite.

ANT. — Entrega ao Quincas.

JOA. (*tomando a palmatoria, ar sentencioso*) — Castigar aos que errão, Benedicto, é uma das obras de misericordia. Abre a mão.

BEN. (*gritando*) — E' uma intriga, nhonhô!

ANT. (*energico*) — Abre a mão ou o negocio é comigo.

SCENA XII

Os mesmos e depois Alfredo

JOA. — Vamos, crioulo, é um instante, por S. Thiago! (*Re-*

redicto, em alto choro, abre a mão, e Joaquim alça a palmatoria a uma altura desmesurada).

ALF. (*no corredor*) — Com mil bayonetas caladas e Satanaz! que é uma ladroeira! Por trazer uma canastra, mil réis!

JOA. (*deixando cair a palmatoria aterrorisado*) — Virgem Santissima! Meu Deus! Por S. Thiago! Que blasphemia! Que sacrilegio!

ANT. — Alfredo!

BEN. — Ah! meu official! (*lança se ao corredor*).

ALF. (*no corredor*) — Tome lá uma pataca, e vá-se para o inferno, enquanto não lhe córto as orelhas.

JOA. (*persignando-se*) — A Virgem Santissima e todos os santos apóstolos acudão-me, acudão-me!

ALF. (*entrando*) — Ah! meu tio! (*Dá-lhe dois abraços*).

ANT. (*estreitando-o*) — Sobrinho!

ALF. (*a Joaquim*) — Venha lá um abraço, meu velho da sarchristia. (*Joaquim vai abraçá-lo com repugnancia*) Com todos os diabos! Tem medo?

JOA. (*recuando apavorado*) — Virgem Santa! Valha-me Nossa Senhora dos Afflictos! (*Alfredo alcança-o, abraça-o furiosamente*) Meu Deus! S. Thiago? Os santos apóstolos, acudão-me, acudão-me!

ALF. (*deixando-o, vai a Antonio, baixinho*) — O sarchristão já está caducando, meu tio?

ANT. (*baixinho*) — Não, são tuas expressões campanudas que offendem-lhe o melindre religioso.

JOA. (*tomando o chapéo e a bengala, modos destairados*) — Vou-me...

ANT. — Onde vais, Quincas?

ALF. — Por Satanaz! Hade jantar comnosco ou então faz crer que não aprecia muito minha companhia; o que não tolero de nenhuma maneira.

JOA. (*resignado*) — Pois bem, jantarei. (*A' parte*) Meu Deus! onde se vio semelhante coisa?! E' um possesso!

ANT. — Esperem um pouco. Vou dar umas ordens. (*Sahe*).

SCENA XIII

Os mesmos, menos Antonio.

BEN. (*a Alfredo, baixo*) — Sr. official, lembre-se que o sarchristão quer casar com sinhá.

ALF. — Não tenhas cuidado. Vou preparar-lhe uma peça.

BEN. (*passa ao lado de Joaquim, baixo*). — Sr. Quincas, o Sr. official hoje jurou que havia de cortar-lhe as orelhas.

JOA. (*assustado*) — Elle disse?!

BEN. — Pela luz que está me allumiando...

JOA. (*o mesmo*) — Meu Deus! Como hei de escapar-lhe?!

BEN. (*á parte*) — Ah! sachristão! sachristão! Benedicto vinga-se, põe-te entre a cruz e a caldeirinha.

JOA. (*ar de susto*) — Indisposto... já tinha jantado... Preciso sair... Vou confessar-me...

ALF. — Não sahe, já lhe disse. Seria indesculpavel descortezia.

JOA. (*cahindo desanimado sobre a cadeira*) — Meu Deus!

BEN. (*á parte, esfregando as mãos*) — Ah! eu quero um bem ao Sr. official! E' impagavel! (*A negra entra com outro prato. Benedicto tira os já servidos*).

ANT. — Quincas, queres um pouco de carne assada?

SCENA XIV

Os mesmos, Antonio, Marfiza e pouco depois uma negra com uma sopelra

ANT. — Sentemo-nos á mesa.

ALF. — Ainda bem que estou com um appetite de engulir demonios. (*Joaquim persigna se. Sentão se todos*).

BEN. (*á parte*) — Só o pobre Benedicto não póde sentar-se. (*cruza os braços por detraz de Joaquim*).

ANT. — Alfredo, lá pelo Paraguay é que não devia comer-se com socego. Devia ser horrivel?

ALF. — Bonito! Bonito! Como o inferno! (*Joaquim dá um salto na cadeira*) Bombas, granadas, balas, pelouros, lanças, espadas, machados, torpedos, machinas infernaes e um cortejo de outras circumstancias capazes de assustarem o mesmo céu. (*Antonio tem servido a sopa. Começão a comer*). Apesar d'isso, tio Antonio. (*Olhando para Joaquim*) com esta fiel durindana (*Affuga os côpos da espada*) despachei 87 1/2 paraguayos.

ANT. — E' meio! Como?

ALF. — E' um modo de fallar. Disse: meio, porque o não matei; apenas cortei-lhe uma orelha.

JOA. — Uma orelha?! E' isto. E' isto. (*Á parte*) Meu Deus! acuda-me.

ANT. — E os 87 morrerão?

ALF. — Que duvida! E por signal lhes arrancava as orelhas. É uma triste mania adquirida na campanha, e por isso hoje tenho uns pruridos...

BEN. (*baixo á Joaquim*) — Benedicto não lhe dizia!?

JOA. (*fazendo movimento de levantar-se*) — Virgem Santissima!

ANT. — Que é isto, homem? Agora é que noto, nem tocaste na sopa!

JOA. — Agradecido, estou sem appetite.

ALF. (*que tem conversado baixo com Marfiza*) — Vou contar-lhe uma das minhas, meu tio. Os padres no Paraguay, deve saber, combatem como qualquer soldado. Os taes heróes teem a cauda do demonio debaixo da sotaina. (*Movimento de terror de Joaquim*) Pois esbarrei com um em pleno combate. (*A Joaquim*) Supponha-se que o Sr. Quincas é o tal padre. Elle tinha, com mil bombas e Satanaz, uma cara do inferno!

JOA. — Meu Deus! Virgem Santissima! Por S. Thiago! Que horror! Que blasphemia!

ANT. — Alfredo, modera tua linguagem.

ALF. — Encontramo-nos, como dizia, e elle disparou um revolver sobre mim, ferindo-me apenas n'um braço. Leve arranhão. Eu então (*Levanta-se*) tirei da espada. (*Arranca a espada. Joaquim levanta-se a meio, seguindo-lhe todos os movimentos*). Supponha-se que o Sr. Quincas é o tal padre...

ANT. — Que é isto, Alfredo?

ALF. (*continuando*) — Ia cortar-lhe as orelhas... (*Faz movimento com a espada para o lado de Joaquim. Este deita-se a correr, lançando a cadeira por terra e sahindo pelo corredor como um louco*).

Todos (*excepto Antonio, que está pasmo, rindo-se*) — Ah! Ah! Ah! Ah!

ANT. (*serio*) — Que significa isto, Alfredo?

ALF. — Que representei uma comedia, meu tio.

ANT. — Uma comedia?

ALF. — Sim, e como toda a comedia acaba em casamento, peço-lhe a mão de Marfiza.

ANT. — Mas Quincas é meu credor! O que não fará para vingar-se.

ALF. — Nada receie. Meu procurador já deve ter reduzido minha herança a dinheiro. Empréstou-lhe o que quizer.

ANT. — Agradecido, sobrinho. (*Toma as mãos de Alfredo e Marfiza*). Sejam felizes meus filhos.

SCENA XV

Os mesmos menos Joaquim

BEN. — E Benedicto quer ser tambem feliz.

ALF. — O que queres? Aproveita a occasião. Te darei o que pedires.

BEN. — Benedicto quer ser soldado. Está enthusiasmado.

ALF. — Pois bem, meu tio, forre-se Benedicto. Sentará praça em meu batalhão e fará parte de minha companhia.

BEN. *(tomando as mãos de Alfredo, beijando-as entre lagrimas.*
Ah! agradecido, agradecido! Vou servir com o Sr. official!

IRIEMA.

1869.

ALLOCUÇÃO

A Exm.^a Sr.^a D. Luciana de Abreu por occasião da ovação, de que foi objecto, por parte do — Parthenon Litterario —

Exm.^a Sr.^a

Quando ainda acordão os échos do *Parthenon* os vibrantes e entusiasticos applausos, que conquistastes, os victores que alcançastes de um auditorio tão illustrado quão numeroso...

Quando ainda, os que vos ouvirão repetem convictos e admirados as palavras ungidas de sciencia e de verdade, que d'esta tribuna, ora tão incompetentemente occupada, proferistes em defcsa dos fóros e prerogativas, que obstinadamente negão ao sexo a que pertenceis, como pela calada de noute estiva se repetem e prolongão sobre a immensuravel planura do occano os échos da piedosa prece do nauta, que em dulcisonos psalmos se lhes exhalava do sacrario d'alma, transcendendo os mysticos perfumes da fé...

N'este momento, tão solemne e tão grato, em que me é dado dirigir-me á virtude, ao talento e ao trabalho, que em vós, distincta preceptora, se concretão tão harmonica e brilhantemente, eu sinto que o meu espirito se fascina e deslúmbra aos resplendores da fulgida corôa de predestinada, que vos engrinalda a frente.

Encontrar-vos aqui, senhora, commungando commosco a grande causa da patria, combatendo a nosso lado em pról de uma mesma ideia, á sombra de um mesmo lábaro, é, só por isso, um acontecimento memoravel, um facto estupendo!

Mas ouvir-vos depois?!... Ouvir-vos, sublime prophetisa, qual

nos bosques sagrados a druidica sacerdotisa, interpretando os mysterios do futuro, sobre os trophéos tribunicios, sentenciosa, erudita e convicta, erguer a voz sonora e eloquente contra os brutaes e impolíticos preconceitos com que uma parte da sociedade esmaga a outra; preconceitos que degradão-na toda, porque calcão a propria diguidade na tyrannia que exercem sobre a parte, que representa a mulher, victima indefesa e resignada! . . .

Ouvir-vos, senhora, na pugna desigual e tremenda, heroica, proclamando pelos direitos innatos a toda a humanidade, e garantidos e consagrados pelo código dos códigos, pela divina philosophia do christianismo, desde o dia em que nas praças da corrupta Jerusalem Christo rehabilitára Magdalena, elevando-a até a purissima Maria, tornando-a protagonista na tragedia da redempção, no sangrento scenario do Calvario! Ante tão grandioso acontecimento, illustrada consocia, a minha pobre individualidade comprehende, mas já tarde, a magnitude da missão, que lhe confiou o *Parthenon*, e, comprehendendo-a, senteresaltar o seu obscurantismo, a sua pouquidade. . .

Assim a voz, que se devera erguer imponente, deslizar em torrentes de harmonia iriando-se ás cambiantes irradiações do bello ideal, mal póde articular phrases titubantes, timidas e inconexas, e o pensamento descarrilhará porventura insensivel; inconsciente como a pluma branca e leve, que, a mercê, a brisa revoltêa no espaço — ou no elogio fatal, que do enthusiasmo sóbe pelas gradações do phantastico até o inverosimil, ou declinará até a hórrida e execranda condemnação de Aristóteles, que tantos seculos de atra expiação ainda não puderão erguer da frente meiga e sublime da mulher-virgem, da mulher-esposa, da mulher-mãe!

Vosso sexo, distinctissima senhora, tem sido assim julgado: — encomiado até o ridiculo da exaggeração; calumniado até a vilania e a torpeza do egoismo, da obcecação: Para com os dous sexos realiza-se a theoria dos parallelos: iguaes, mas sem se poderem porém encontrar senão no infinito.

Ou seja porque o orgulho eo egoismo do homem vos determinassem uma eclýptica, e sobre ella um movimento automatico, resultado de uma combinação chymica ou geometrica; ou porque vossa fragilidade physica contrastando com o animo varonil de vossas resoluções os assombre; o que é incontestavel, o que é verdade, é que estais segregadas da communhão humana; é que para comvosco se não applicou nunca o salutar *demi térme*. . . Encosão-vos uns, outros vos amaldiçoão! Sempre os extremos! E no emtanto julgão-vos, sem vos ouvir, sem vos conceder sequer o direito que equilibra a balança da justiça, que está estabelecido no principio juridico, de existir, onde existe accusação.

Sem ouvir-vos, sem vos consentir defesa, julgão-vos ainda sem

estudar-vos, e alcunhão-vos de encarnação dos contrastes, de fonte do erro, esses pretensos philosophos do seculo, ou antes esses Phyrros de todos os tempos que vos devem merecer tanta lastima, quanta repugnancia.

E quem, senão elles, esses fatuos obstinados, são a origem do mal primordial, que em vós profligão, e do qual lhes deve a responsabilidade recahir em toda a sua plenitude?

Como podereis derramar só os germens do bem, se vos dão a semear conglobadamente as sementes do mal, em mór cópia e mais fecundas, e vos não ensinão a distinguil-as para separal-as antes de as lançar á terra?

Desde tempos immemoriaes, desde o primeiro episodio da humanidade, desde a queda do primeiro homem que a mulher compartilha suas dôres e agonias, sem que elle lhe retribuia a parte de suas alegrias, de seus triumphos, e de sua liberdade!

E chamão-vos a fonte do erro! . . .

Mas qual foi, illustrado auditorio, qual foi o primeiro erro, o erro da primeira mulher, de Eva, sujeitando o homem á contingencia dos sacrificios inauditos, das dôres enormes, das miserias tremendas, da morte moral e physica, da repulsão emfim, do Eden, da graça do Ser Supremo, Omnipotente e Eterno?

Foi a sublimidade de um sacrificio heroico!

Leona, cuspindo á face do carrasco a lingua, que trincára para que nem o supplicio lhe extorquisse o quebrantamento de um voto; — Arrhias, embebendo no coração a lamina de um punhal para dar um exemplo de amor e de civismo, que edificasse e estimulasse o esposo; — Corday, a casta e meiga filha do povo, apunhalando Marat, suffocando-o no banho de sangue, e entregando-se depois á furia das facções sanguinarias e fanatisadas pelos sinistros clarões da revolução de 93, e subindo altiva e resignada á guilhotina; nenhuma deu mais nobre prova de amor, de abnegação e de heroismo do que Eva, que, aspirando para o esposo a gloria, a omnipotencia, a omnisciencia da Divindade, lançou-se com elle na voragem da perdição e da morte!

Honrão, ennobrecem, immortalisão taes erros não só áquelles que os commettem, mas tambem aos que, ainda que indirectamente, forão-lhe a origem.

Eva, antepoz a graça, a immortalidade, a vida de delicias do Eden, pela glorificação do esposo, que desejava elevar até o proprio Deus.

Esse erro foi um aspirar de gloria!

O paganismo em suas myriadas de celebridades femininas, se nos apresenta entre as nebulosas que lhe empanão ás vezes os brilhantes raios de Phœbo, uma Aspazia ou Cleopatra, uma Lais ou Phrynè, mulheres grandes na gloria, grandes na belleza, gran-

des no heroísmo como grandes no crime, nos dá um esplendido e fulguroso ideal da mulher de ha trinta e tantos seculos, na filha adoptiva deimas, a esposa de Menones e depois de Nino, de Semiramis, csm, catadupa brilhante de erros e glorias, de graudezas e de miserias!

Na luminosa peripheria em que scintillára o diadema da famosa rainha d'Assyria, fulgurarão com brilho não menor a inspirada e miga Corina, a illustre e sabia Myrthe, a malfadada Sapho, até formosa e divina Hypathia.

Na sacra historia, em cada legenda biblica, se nos mostram riantes, e belleza, de genio e de heroismo, desde a formosa Rachel, a astissima Suzana, a valorosa Judith até o archétypo da mulher, a sublime Maria, a virgem-mãe, Maria, do immaculado Cordeiro do Golgotha!

E assim em toda parte e em todos os tempos a mulher se tem elevado ao sublime ideal: na historia antiga, média e hodierna ellas estão honrando-lhe as paginas: Clelia, Lucrecia, Velleda, Boadicea, Arc, Cornelia, Izabel, a mystica Thereza e tantas outras, até a esphera em que resplendem Stael, Sevignê e Roland, até o stoico racionalismo de George Sand, uma das mais bellas constellações do zodiaco litterario da França, — a mulher legou seu nome á immortalidade, á benemerencia e á veneração dos seculos porvindos!

Onde porém me arrasta, senhora, o entusiasmo que me inphiltrastes n'alma, e que me arrebatou, talvez máo grado meu?

A's conclusões do Prometheo do seculo, o gigante de Guernesey: — O homem tem mais genio, mas a mulher tem mais amor. Da identificação d'estas duas irradiações depende toda a grandeza humana. »

Mas, illustrada mentora, não tomastes para o protótypo da mulher do seculo XIX, cujo ideal definistes, senão raros dos nomes, que em alluvião me affluirão á mente e que indistinctamente citei no turbilhão em que vinhão. Proclamando pelos direitos usurpados á vosso sexo, tomastes por molde a mulher digna da apothéose do christianismo: Maria, a celeste e purissima Maria, sobre os joelhos de Anna, sua illustre e divina preceptora.

Assim pois, dignissima consocia, dignai-vos aceitar as expressões de apreço, de admiração e de encorajamento que, por seu obscuro, mas fiel interprete, vos consagra o *Parthenon*, e bem assim a modesta offrenda, que vos transmitto em seu nome, que é o nome de uma mocidade varonil, illustrada, avida do nobre, do bello e do justo.

E' uma simples, bem simples homenagem, a que offerece o *Parthenon* consagrando-vos a primeira parte d'este sarão, e uma medalha de merito, como merecida homenagem á vossas virtudes,

illustração e talentos ; mas, se é singela, so é pobre em seu valor intrinseco, é rica de significação e de patriotismo, por que importa a confirmação de um triumpho pela conquista do trabalho e da intelligencia, e porque n'esta medalha perdurará glorioso o nome illustre da primeira mulher, que no Brazil, calcando prejuizos arraigados, iniciou a propaganda emancipadora de seu sexo ; e porque attestará indelevel a data em que lançastes á liça a luva macia e perfumosa, que nunca mais se ha de erguer senão para calçar-a uma mão livre.

O 2.º orador

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

Parthenon, 31 de Janeiro de 1874.

JOSÉ DE ALENCAR

(ESTUDO BIOGRAPHICO)

IX

Antes de retirar-se da redacção do *Diario do Rio* ainda publicou em folhetim de 1857 a 1858 os dois mimosos romances: *Cinco minutos* e *Viuvinha*, ficando o ultimo incompleto com sua retirada. Forão ambos em 1865 reunidos em um só volume, edição feita a expensas da casa Garnier.

O que diremos sobre estas duas producções que se filião ao genero em que Felix d'Amoureux e Pontmartin adquirirão tanta nomeada, quer pela elegancia do estylo, quer pelo interesse da narrativa? Os *Cinco minutos* até parecem inspirados no *Ramalhete de margaridas* do ultimo, com a differença de que contem mais abundancia de poesia, mais brilhantes arcezoados de estylo e sobretudo um perfume de idealidade que agrada e deleita na leitura, e após ella fica por largo tempo embeberado na memoria, como a essencia de sandalo na ambula que a continha.

E' esta qualidade, que, como no *Guarany*, põe em resalto a feição característica de seu genio; pois em litteratura elle pertence a uma escola que faz o ideal absorver o real. E' o Kant da arte, e como este na esphera da philosophia teve aberrações, assim Alencar no dominio das lettras.

A litteratura e a sciencia desde a mais remota antiguidade percorrem a mesma escala; ora idealisção tanto, que o mundo physico mal apparece n'uma dobra do infinito, é o baixel n'amplidão dos mares; temos no espiritalismo o elemento predominante; ora a materia acachapa de tal sorte o ideal, que elle transparece,

como a luz n'uma gruta por estreita talisca, e Epicuro, Locke e Condillac reinão ; ora ambos confundem-se e Spinosa e Schelling embutem o cosmos no seio de Deus.

Se ha defeitos nos escriptos de Alencar, elles são devidos em sua maxima parte á tendencia de elevar-se demaziadamente da verdade humana, contingente e relativa para a verdade divina, necessaria e absoluta.

X

Foi em 1857 que, deixando o campo do romance, elle occupou-se de litteratura dramatica, que em nossa humilima opinião se acha entre nós atrazadissima, e muito mais hoje do que em tempos anteriores, quando as plateias se enchião para assistir a representação de *Antonio José* e outras tragedias de Magalhães ou dos dramas de Burgain. A corrupção da cõrte está evidenciada e posta em relevo na decadencia total do gosto, no desmoroamento total dos mais comescinhos principios de esthetica. O povo, que corre pressuroso ao *Alcazar lyrico*, applaude ruidosamente as pernas e os meneios lascivos das dansarinas, himpa de satisfação diante das facécias grosseiras do *Orphéo na roça* e *Barbas de milho*, deve trazer no coração o esphacelamento de todas as crenças santas e sentimentos nobres ; é como a messalina de Roma, deshonra a patria, deshonra a humanidade. Ha um ponto em que a barbaria é preferivel á civilisação : é quando esta attinge ao periodo de morte, quando traz a face livida do cadaver em vez dos resplendores da vitalidade, quando em vez d'uma immensa officina, onde o trabalho consciencioso se ostente á luz, onde o progresso marche sempre, depara-se com um salão de orgia e referve o tripudio das bacchantes sobre as corõas desfeitas da virtude e do merito.

Felizmente nas provincias ainda não chegou a onda devastadora que traz com o desprestigio da arte a demolição dos caracteres. Felizmente ! . . .

Alencar foi um dos obreiros que procurou dirigir o nosso theatro pela senda das glórias legitimas ; porém parece ter julgado frustrancos seus esforços e bem antes de produzir os aureos frutos de seu talento, n'este genero, arripiou carreira.

Estreiou com a comedia em dois actos: *Verso e reverso*, levada á scena pela primeira vez no theatro Gymnasio em 28 de Outubro de 1857, sendo depois publicada pelo *Diario* n'esse mesmo anno, em um volume em oitavo. Esta comedia foi um ligeiro en-

saio, e como tal não aspira lugar elevado entre as obras do mesmo autor.

Na primeira edição trazia uma dedicatória omittida posteriormente na edição Garnier, Paris, 1864, 8.º N'ella apresentava Alencar os motivos que o fizeram abraçar a carreira dramatica.

Eis como se exprime:

« A... — Uma noite vi-a no Gymnasio; representava-se uma comedia um pouco livre.

Vcio-me o desejo de fazel-a sorrir, sem obrigar-a a corar. Conservei algum tempo essa impressão fugitiva; um dia ella correu aos bicos da penna, e crystallisou-se.

Escrevi a minha primeira comedia, o *Rio de Janeiro*¹; logo depois o *Demonio familiar*; e ultimamente o *Credito*, que deve representar-se breve.

Se algum dia, pois, eu fôr um autor dramatico, deverei unicamente áquella boa inspiração: a gloria e os applausos que o publico, de generoso, quizer dar a essas pobres producções de minha intelligencia, lhe pertencem. A flôr não se abriria, se o raio do sol não a aquecesse e animasse. »

Verso e reverso representada sem nome do autor, tendo tido geral aceitação em epocha que o povo fluminense rendia preito e prestava apoio ás obras de arte, foi estímulo para o já assaz conhecido escriptor em outros generos litterarios.

Seguirão-se novas producções de 1857 a 1860 em moldes mais amplos e estudos mais acurados. Forão: *O demonio familiar*, *As azas de um anjo*, *Mãi* e *O credito*. Consta ainda a existencia de outras ineditas; como sejão: *O que é o casamento?* comedia e *O jesuita* e *A expiação*, dramas.

O demonio familiar é uma das melhores peças do repertorio brasileiro. Constitue um delicado painel sobre scenas e costumes de nossa vida intima e domestica. O crioulo, antes o moleque, que é um typo mui diverso nas exterioridades do garoto de Lisboa ou do *gamin* de Paris, inda que identico na essencia, resalta como das illuminuras d'um bem acabado desenho. Não falta-lhe a vivacidade palavrosa, os meneios, a petulancia, o espirito inquieto e sempre prompto a travessuras e ciladas, onde o menos cauto sohe cabir. O contacto intimo da escravatura com a familia e que tem sido tão fatal á sociedade brasileira, menos susceptivel de dominar-se pelos prejuizos de raça como nos Estado Unidos e outros paizes, tambem releva do trabalho de Alencars

Pensão alguns que *Mãi* seja o mais sazonado fructo dramatico do autor do *Guarany*. Discordamos. Póde ser que erremos

¹ Verso e reverso.

n'este ligeiro juizo, mas em nossa opinião antepomos *O demonio familiar*; parece-nos elle senão mais correcto, ao menos mais desenvolvido quanto ao estudo das personagens e aos sentimentos que as animão na acção da comedia.

O demonio familiar foi pela primeira vez á scena a 5 de Dezembro de 1857 no Gymnasio dramatico. Já teve duas publicações; a primeira em 1858, Rio de Janeiro, na typographia Soares & Irmão; a segunda em Paris, edicção Garnier, 1868, 8.º

Em Junho de 1858 foi á scena no Gymnasio *As azas de um anjo*, comedia em um prologo, quatro actos e um epilogo. Alencar tambem quiz tomar parte no grande pleito sobre a regeneração das Phrynés, assumpto tão debatido pela litteratura humanitaria d'este seculo, e sua Carolina veio tomar lugar junto a Marion de Lorme, Magdalena e Margarida Gauthier. Porém mal pensava elle que o *cerbero policial* que dorme ante os milhares de crimes commettidos impunemente no paiz, desperta sempre para impedir o progresso do theatro. A policia, essa guarda avançada dos costumes publicos, a policia que convulsa de prazer libidinoso ante os quadros moralisadores do *Alcazar lyrico*, a policia sentio calafrios ante as mimosas *Azas de um anjo*, e na terceira representação pronunciou seu veto omnipotente!

E ha por infortunio nosso uma lei iniqua, barbara e contradictoria que proteja e acuberte semelhante vandalismo!

Ha infelizmente uma constituição que garante n'um artigo o direito de propriedade, e n'este mesmo artigo destróe uma das especies de propriedade; que admite a publicação de quaesquer pensamentos com a responsabilidade em caso de abuso, e para logo mostrar incoherencia, nega uma das fórmãs de publicidade: a da representação.

Diz a Constituição art. 179 § 4.º;

« Todos pódem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos e *publical-os pela imprensa sem dependencia de censura*, com tanto que hajão de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'este direito nos casos e pela fórma que a lei determinar. »

Algures fizemos relativamente a isto algumas considerações que vamos reproduzir.

Então tínhamos sido lezados em nossos direitos de proprietario pelo mais immoral dos chefes de policia que a provincia do Rio Grande do Sul tem tido.

Foi debaixo da viva impressão do acontecimento que escrevemos o seguinte:

« A litteratura dramatica tem uma fôrma de publicação que lhe é propria : a publicação pela representação, pela scena. A pela imprensa é secundaria e accessoria.

Qualquer outro ramo de industria no paiz não tem uma censura. O fabricante pôde apresentar seus productos, qualquer pôde publicar injurias e calumnias não só contra individuos, contra ideias e instituições tambem, em livro ou nas columnas da imprensa diaria, sem prévia censura; a prohibição só foi feita para o theatro, cujas obras versão sobre creações da phantasia.

E de que serve a lei coactiva ?

Se vêda a publicação pela scena, deixa ampla liberdade para a publicação por meio do impresso. No primeiro caso o auditorio é local, o conhecimento da obra se limita a certo numero de pessoas, que occuparão a plateia e os camarotes durante as representações; no segundo os leitores pôdem ser de uma extrema a outra do paiz ou todo o mundo.

Sendo assim inconveniente a obra, a lei previne seus effeitos?

Não. Haveria mais coherencia no legislador se impuzesse o veto a ambos os modos de publicidade, ou antes ao menos nocivo que é sem duvida o pelo palco.

E' tristissima e precaria, já se vê, a posição do poeta dramatico entre nós. A litteratura no Brazil será um culto, um apostolado, porém não um meio de subsistencia. Quem a cultiva, rouba horas ao somno, deteriora o sangue, santifica o trabalho nas vigílias, no sacrificio em horas de enthusiasmo ardente e febril por amor do bello.

No entretanto o fructo da intelligencia nascido entre contradicções, privações e frequentemente com detrimento de saúde, não pôde ser apresentado sem entrar n'uma terrivel officina que se chama : secretaria de policia, onde ha um Vulcano com o séquito de cyclopes; caverna do Poliphemo, onde as obras dramaticas necessitam de tomar um sello inquisitorial que se chama : *visto*.

Não é só aqui, quasi sobre toda a terra, desde os *braminicos nalaks* até as proporções do drama moderno, essas producções litterarias forão sempre mais apreciadas na representação do que na leitura.

E' muito lido o romance, depois certos generos de poesias, e afinal o theatro por poucos que o comprehendem verdadeiramente no estudo de gabinete.

Portanto, sem o *visto policial*, o que resta ao autor? O desespero da victima na impotencia de reagir contra a pressão, o estado afflictivo de um homem que conhece o ladrão de sua propriedade, e não pôde castigal-o, porque a lei o protege, porque é a propria lei.

Notem que nossa argumentação não versa sobre abusos que possam provir, é meramente sobre o artigo citado, em si e em suas fataes consequencias, artigo tão amplo em outros sentidos, como restrictivo relativamente ao theatro.

Negado o direito de representação, o que resulta em ultima analyse? Que a legislação que estabeleceu e garantio o direito de propriedade « *em toda a sua plenitude* » e sua inviolabilidade na Constituição, e penalidades no codigo criminal, em respeito ao theatro instituiu e sancionou o roubo, o que implica contradicção e consequentemente absurdo.

Demais não ha só a censura da policia, ha tambem a do publico.

Supponhamos que um drama vá á scena com a autorisação do *visto*, sem o que é impossivel.

A policia entendeu que o devia proteger com o seu *beneplacito*; mas o povo entende que elle não presta, que não paga para aborrecer-se e sim para passar uma noite agradavelmente; e grita e patêa e fal-o sahir logo da scena.

Eis a autoridade policial nullificada pela autoridade das plateias, uma lei em conflicto com outra lei identica em seus fins. Para haver coherencia, subsistindo a censura policial não devêra subsistir a censura do auditorio ou vice-versa. A unica todavia legitima é a das multidões. Ellas só pôdem avaliar se o poeta compenetra-se de seus costumes e sentimentos.

Platão em sua *Republica* queria que aos poetas fossem concedidas todas as honras e recompensas para depois banil-os como perigosos; a legislação brasileira applicou a mesma pena aos dramaturgos com uma differença: ostracismo depois de confiscados os bens.

E havemos de ter um theatro com alcaldes e alguazis!

No que hemos dito não vai leve censura aos confeccionadores da magna carta, não; fizerão mais do que podia-se esperar. A constituição promulgada e jurada em 1825 foi um monumento para a epocha. Se temos a formular grave accusação é contra os continuadores, os homens que seguirão-se e deixarão, com reprehensivel incuria, de corrigir-lhe as imperfeições architectonicas.

E assim o theatro que no seculo actual satisfaz plenamente o preceito horaciano: *utile dulci miscere*, que é uma fonte de ensino e doutrina, uma das manifestações do bello, entre nós tem tudo contra si.

Liberdade pois ao theatro, plena liberdade! Que os poetas produzão e haja um só juiz: o povo.

Antes os felizes tempos de Athenas, em que personagens reaes e vivos figuravão nas comedias de Aristophano sob o flagel-

lo dos ridiculos, do que os grillhões de autoridades estranhas á arte.

Talvez seja a condição para o apparecimento de algum genio poderoso. Debaixo do reinado de Elisabeth surgio Marlow e em seguida Shakspeare. E' que esta rainha consentia que o autor de *Othelo* levasse á scena Henrique VIII, seu proprio pai.

Não é o unico exemplo. Luiz XIII permittia mesmo que entrasse sua personagem e assistia satisfeito á representação.

O *Tartufo* tinha formidaveis inimigos, principalmente o clero e a nobreza, e apezar d'isso Luiz XIV ordenou que o representassem.

Quando Victor Hugo tentou levar á scena *Ernani*, que tinha sublevado o classicismo em peso, procurarão insinuar no animo do rei uma ordem de prohibição. Carlos X respondeu dignamente : « Não reconheço em mim outro direito do que o de ter um lugar na plateia. »

Taes factos tem sido considerados de tão magna importancia nos destinos da arte, que perdurão e hão de ser sempre citados com profundo reconhecimento pela posteridade.

E o merecem aquelles que os praticão.

Assim desejáríamos que no Brazil, onde o theatro não existe, nem existirá tão cedo, pudessemos encontral-os profusamente.

Com maior prazer os referiríamos.

Infelizmente ali está a policia armada de ponto em branco ! »

E eis as antigas ponderações que hoje recordamos ao folhear a vida litteraria de José de Alencar.

As azas de um anjo não sahirão, porém, do palco, sem o autor subir á tribuna universal : a imprensa, e lavrar um protesto contra o despotismo dos quadrilheiros nacionaes. No *Diario* de 23 de Junho de 1858 inserio elle uma carta, em que põe patente a extorsão que lhê fôra feita.

Houve grande discussão, tomando parte outros escriptores que propugnarão pelos direitos em que uma classe via-se ferida com o banimento da comedia.

As azas de um anjo tem tido duas publicações ; a primeira de Soares & Irmão, Rio de Janeiro, 1860, 8.º grande ; a segunda de Garnier, Paris, 1865, em 8.º A carta em que o autor apreciava o acto da policia, e que vinha na primeira edicção, foi supprimida na segunda.

Mãe, drama em quatro actos, seguio-se.

Foi representado em 1860 no Gymnasio dramatico.

Muitos elogios fizeram-se a esta nova producção, a preconisação de mais. Achamol-a brazileira, quanto á concepção, apezar de não ser o assumpto original, mas ha scenas e lances que

Alencar deixou de aproveitar. Faltão-lhe certo movimento e calor que a tornaria uma obra prima. No theatro grego e na Me-
rope de Voltaire a maternidade tem accents que electrisão, e
arrancão espontaneos gritos de admiração. Em *Mulher e mãe* de
Eudoro Berlink o sentimento tem outro colorido; ha mais vida,
mais grandeza.

Este drama teve tambem duas publicações: a primeira em
1860, Rio de Janeiro, 8°, edição de Soares & Irmão; a segunda
de Garnier, Paris, 1865, 8°.

Continúa.

IRIEMA.

GEORGINA

(ROMANCE)

XIV

É TARDE...É TARDE...

São oito horas da noite e fundo silencio de leve resvala sobre a superficie da ilha.

A viração mal balouça a ramagem do arvoredado e ha muito que a jurity calou no frouxel de seu ninho as endeixas doridas.

A ilha, á sombra do véo das noites, á luz tremula dos cirios engastados na cúpula celeste é o ninho da tristeza saturado de poesia, bebida nos seios da soledade.

O solar campestre com suas paredes alvas a branquejarem no centro d'esse ermo, semelha-se com a tenda arabe erguida nos desertos da Lybia pela caravana sedenta de repouso.

Parece que do resfolgar do mundo social ahi chega apenas um fraco ruido que morre suffocado pela soidão do local, tendo por hymnos funebres os pios das corujas.

Assim parece, mas quem sabe se essa nota perdida, arranca-da das festas d'esse mundo, não encerra mortal veneno que em pequena particula e de longe mesmo tambem fere e mata com a rapidez do punhal?

Quem sabe?...

Ha muitas noites, que n'essa casa perdida na immensidade do vargedo, a desventura pousou seu braço de ferro sobre uma familia inteira.

Aquella janella illuminada por baço clarão é a testemunha ocular e muda das insomnias e vigílias passadas junto ao leito de uma criança, no templo augusto de um aposento virginal perfumado pelos olores de deseseis primaveras.

O anjo da desventura bateu suas azas sobre o tecto do lar de Magalhães e voou até junto o leito de Georgina.

Pobre criança!

Eil-a prostrada e inanida como a açucena crestada pelos ardores da canicula, pallida como a petala da rosa branca desbotada.

Sua mocidade tão cheia de belleza e encantos fulgio como a luz do perylampo em negra noite e teve a existencia curta e passageira do meteóro.

Junto d'essa esperanza, a fenecer no embryão, está Magalhães, sensivel unicamente aos males da filha, a alma desilludida depositaria de um porvir de anhelos, cofre de tantos idyllios dourados que sonhou e acallentou com extremo para um dia depôr aos pés da pobre menina.

Ahi está elle com os olhos cravados em Georgina, tão moribundo como ella, porque éa parasita d'essa existencia que no verdor dos annos se inclina para o tumulo.

No espaldo do leito, Angelica de pé, abafa com o lenço os soluços que em borbotões irrompem dos seios: é um poema maternal que se desfaz em lagrimas.

Ao lado de um dos aparadores Leoncio sentado contempla em Georgina a luz de sua vida moral, prestes a extinguir-se em um ultimo lampejo, banhando com o clarão de seu ultimo raio a pagina final do livro de seu amor de martyr.

Desgraçado, nasceu trazendo escripta na fronte a legenda de forasteiro — caminhar toda vida sobre espinhos, aos vinte annos ser condemnado a vestir a tunica de Dejanira e envolver em negro sudario suas esperanças de moço.

Desventurado mancebo! . . . Nasceu como essas plantas fataes, que no embryão já trazem na ceiva o virus que as deve matar.

Assim foi elle. . .

Viveu, não para viver, mas para morrer em vida.

Como Georgina, é uma victima do destino, são duas mocidades que entrelação-se n'uma angustia immensa e morrem como dois naufragos tocados pelo mesmo fadario.

Ella sonhára aos deseseis annos uma grinalda de flores de laranjas como o mais bello diadema para sua fronte de moça e só via junto de sua cabeceira uma corôa de saudades e goivos; elle aspirou a gloria consubstanejada n'um amor de mulher parafitar o desaparecimento de suas esperanças entre as dobras de um sudario.

Que fadario tremendo presidio a existencia d'estas duas crianças, d'estas duas mocidades desfolhando-se na primavera da vida?

Ah! uma tempestade moral por elles passou e como sempre, em seu brilho deixou marcos impereciveis — atraz de si havia uma derrubada.

Georgina era a primeira ferida n'essa procella terrivel.

E ahi estava ella, mimosa creci uma batida pelo vendaval da sorte; ahi estava ella rodeada por fundo silencio.

De leve as roupagens do leito agitarão-se e o braço ainda bello da inditosa menina sahio debaixo das cobertas e sua mão alva como o lyrio do val foi cahir entre as de Magalhães.

Georgina voltava a si do longo lethargo em que estava prostrada e fitou o velho, cujos olhos não alvejavão outro ponto que não fosse o rosto pallido da filha.

— Então, Georgina, disse Magalhães inclinando-se sobre o leito da doente, estás melhor, não é assim? Esse somno tranquillo acaba de reparar tuas forças abatidas n'essa doença terrivel... tenho fé minha filha que o futuro nos aguardará dias mais bellos...

— Deus o ouça, pai, e aninhe seus bons desejos á sombra de sua infinita bondade, respondeu a moça com sumida voz. Quanto a mim creio que esse somno é o ultimo adeus á vida e o primeiro passo dado para o vestibulo do mundo da morte.

— Filha, interrompeu o velho com desespero, não prosigas, esse desalento em teus labios é mais cruel que a propria morte do teu corpo!

— Perdôe-me... Se lhe fallo assim, é porque não quero illudil-o agora com vãs esperanças que não partilho; não quero que em breve a fera realidade venha acordal-o com a energia desalmada da desgraça. Para que illudil-o? Entre mim e o futuro ha uma barreira tremenda. Quando o meu presente resvala n'um tumulo, o meu porvir deve pertencer á eternidade.

— Oh! não continues assim... tu matas-me em vida, filha de minha alma!

O silencio succedeu ás ultimas palavras, funda mudez povoou esse quadro, tela onde tantos sentimentos se chocavão e que nosa penna mal sabe esboçal-os.

A moça, que tinha-se recolhido comsigo mesma ante a comovedora explosão de dôr de Magalhães, quebrou por fim o silencio com uma voz tremula por secreta emoção.

— Escute-me ainda uma vez com a complacencia de outros tempos; amo-o muito, meu pobre pai...

— Amas-mê muito e fallas em morrer, redarguiu o ancião: amas-me muito e morres por um homem á quem amaste mais do que a mim e que não seria capaz de amar-te nunca mais do que eu...

Georgina estremeceu ante essa censurá, 'mais filha do affecto flo que oriunda do vislumbre de uma injuria e estremecendo fincou as mãos no leito, e sentou-se descançando seu enfraquecido corpo sobre os travesseiros.

Leoncio, vendo o movimento da mça, ergueu-se da cadeira em que estava preso por uma mão de ferro e chegou-se á borda do leito, muito tarde já para impedir a phrase amargurada de Magalhães.

— Não tem razão o senhor para assim fallar, disse a moça com os olhos razos de lagrimas, se dediquei muito culto a uma falsa divindade, se crestei muitas crenças nas aras de uma religião que para mim consubstanciava todas as aspirações que póde anhellar uma alma nobre, n'essa adoração, n'esse amor immenso havia uma fé pura e elevada, que a torna sagrada e inviolavel aos commentarios... Lamente-a, é justo; mas não a condemne... não póde fazel-o sem quebra de direitos legitimados pela santidade de minha causa.

— Perdôa-me, Georgina, replicou o velho entre soluços; perdôa-me se te offendi. Minhas palavras só querem dizer-te que não debes morrer porque tua vida é a seiva da minha existencia, a luz de meu espirito... Não é só o affecto do pai que reage, é tambem minha natureza de homem, inspirada por essa lei de conservação, lei innata em todos os corpos humanos... E' minha alma que reage contra esse teu suicidio moral que deve sorver mais de uma victima imbellé em sua tremenda voragem.

— Se eu pudesse viver, meu pai, se minha natureza tivesse força para reagir contra a tempestade moral que me abate, e n'inha memoria pudesse esquecer as amargas lembranças d'esse passado tão inditoso quanto recente, ah! eu viveria e satisfeita amaria a vida para consagral-a toda ao senhor que tem necessidade de minha mocidade para amparar sua velhice... Mas que quer, não posso, minha vontade luta em vão entre um circulo de ferro.

É dois fios de perolas rolarão pelas faces macilentas da pobre menina.

Leoncio, fazendo um esforço immenso para occultar sua commoção, dirigio-lhe a palavra, ao mesmo tempo que tomava uma das mãos da inditosa enferma entre as suas.

— Socega, minha irmã, acabemos com essa discussão que nada adianta: desculpa em meu padrinho a amargura de suas palavras, filhas do muito affecto que te vota. Dá um pouco de descanso a esta tua pobre alma demais atribulada por tantos contratempos.

— Obrigada, meu irmão, accito o teu bom conselho e deixo ao futuro o que a elle pertence resolver.

— A elle e a ti tambem, filha, concluiu o velho arrastado por

uma ideia fixa; tu podes, Georgina, podes viver ainda muito feliz e amada.

— E' possível, que haja ainda esperança ante tão negra realidade?

— E' Georgina, é possível ainda, escuta-me: tenho guardado em meu coração um segredo, continuou o velho com manifesto jubilo, segredo cuja revelação póde restituir-te ás alegrias da vida e do mundo.

— Como assim!? explique-se, meu pai.

— Enquanto a teus pés um homem sem sensibilidade mentia-te, illudindo te com a facinação da sereia e prendendo te com a seducção da serpente, longe de ti, no sauctuario de um nobre coração, uma alma elevada ajoelhava-se erguendo-te um culto infinito, um mundo de affectos...

— Padrinho! interrompeu Leoncio supplicante, temendo uma revelação que elle julgava intempestiva; veja que Georgina acima de tudo necessita de tranquillidade de espirito, lembre-se que devemos deixal-a repousar um pouco...

— Não, Leoncio, deixa meu pai continuar, eu o escuto com interesse.

— Serei breve... O que poderei dizer-te mais? Que esse moço nobre até á abnegação, amou-te como um louco para soffrer como um martyr... Que soffreu muito sem jámais ter um queixume de ti, que assistio, sua alma de moço, batel de esperanças, sossobrar no mar de escolhos da indifferença e que por amar-te muito não teve sequer uma chufa para arremessar sobre aquella que symbolisava o crepusculo vespertino de suas mais legiti-mas aspirações!

Amou-te como um louco, porque sentio-se bastante pequeno para merecer-te, e, victima de uma timidez que o nobilita, jámais animou-se a confessar-te esse amor immenso que inspiraste involuntariamente.. Para teus pulmões juvenis resfolgarem vida é necessario, Georgina, a redempção d'esse sentimento que uma alma impura veio polluir em teus seios de mulher; pois bem, filha, essa redempção tu a terás... está nas tuas mãos achai-a já aqui. Os braços d'esse moço que te ama, serão os braços da cruz da redempção de teu amor... Queres agora saber quem é elle?

— Cale-se, meu pai, não prosiga, nem pronuncie seu nome.

E agitada por funda emoção a moça debulhou-se em lagrimas.

— E' possível, minha filha, interrogou o velho sorprendido, que o nome de um homem que é um martyr por tua causa, mereça-te tanta repugnancia e indifferença!?

— Não diga isso nem o repita mais... Até agora, estava resignada a deixar o mundo com pezar; mas tinha fé que levava para a eternidade minha consciencia sem encargos e no cmtanto

agora, ainda que sem culpa minha, tenho encargos bem graves. Não é indiferença para esse moço, é remorço de o ter feito sem o saber um desgraçado. Não quero saber quem elle é, mas peça-lhe o senhor em meu nome que perdôe-me todo o mal que lle fiz.

Magalhães todo sensibilizado voltou-se para o afilhado dizendo-lhe com magoa:

— Responde por mim, Leoncio. A ti pertence a contestação.

Leoncio com supremo esforço assim fallou:

— Sou eu quem deve pedir-te perdão, Georgina; tu és um anjo immaculado e não podes sentir remorso de uma culpa que não é tua... O unico culpado, sou eu, que a teus pés invoco perdão para minha ousadia e absolvição para esse amor que nasceu no crmo para viver no abandono... A pureza d'esse amor não justifica o meu pedido?

— E esse moço, interrogou Georgina tremula de commoção, és tu, Leoncio?

— Sim...sou eu...

— Desventurado, balbuciou a donzella entre soluços, cahindo nos braços do inditoso mancebo, desventurado! teu amor só póde ser retribuido no céo, na terra...oh! é impossivel, é tarde...é tarde!...

Erão as ultimas sensações d'essa natureza em decomposição, erão as ultimas vibrações d'essa alma de criança preste á remontar seu vôo em busca de sua origem primitiva — os seios de Deus.

E apoz alguns momentos de lancinantes magoas... n'um soluço o espirito de Georgina voou para o infinito...

Voou entre as gargalhadas de Magalhães, louco de dôr e ante o espectaculo tremendo de um suicida moral — Leoncio.

Morreu como a sensitiva tocada pelas ventanias.

No alcaçar celeste havia um cherubim de mais: na terra um anjo de meãos!...

Continúa.

APELLES P. A.

B R A N C A

I

Era um typo divino. As negras tranças
Cahião-lhe na espadua alabastrina...
E tinha essa belleza peregrina
Do perfil andaluz.
E passava na vida como passa
A gaivota na tona da corrente,
Como a lua no céu passa dormente,
Esplendida de luz.

Nunca um sorriso se frison nos labios
Nos labios finos da gentil belleza ;
Toda envolta n'um manto de tristeza,
Amava a solidão.
A's vezes pelos bosques solitarios
Passava tão celeste e tão formosa
Como em sonhos nos passa vagarosa
Angelica visão.

Outras vezes chorava. Dir-se-ia
Na terra um cherubim vagando errante,
Chorando pela patria tão distante,
Com saudades de Deus.
Chorava no silencio. Ninguém soube
Que dor profunda lhe roubava a calma,
Ninguém lhe pôde prescrutar da alma
Um só pezar dos seus !

Soffreria de amor? Teria acaso
Sentido o fogo das paixões ardentes
Queimar-lhe as lindas azas transparentes,
As azas virginaes?
Soffreria de amor? Fundo mysterio !
Jámais alguém lhe ouviu baixinho, a medo,
Uma palavra do fatal segredo...
Uma phrase jámais !

II

Um dia... a primavera tinha flores,
As flores desbrochavão-se em sorrisos,
A brisa perpassava em leves frisos
No lago de crystal :

Receidia a floresta de perfumes...
A terra despertava tão formosa
Como a bella odalisca flescuidosa
Na camara real.

A virgem levantou-se. Era tão bella!
Cingio na fronte rosas de noivado,
Menos alvas que o rosto descorado,
Menos bellas talvez!
Que formoso semblante de madona!
Envolto o lindo corpo em brancas vestes,
Era um anjo dos páramos celestes
Banhado em pallidez!

E seus passos moveu silenciosa
Para o da vida derradeiro estádio,
Em que jazem as vietimas do gladio
Do anjo esmagador.
Tangia o sino na longinqua ermida...
E nos dobres dolentes, compassados,
Parecia chorar pelos finados
Um cantico de dor!

Entrou no cemiterio. Lindas aves
Cantavão pelas verdes ramarias...
E da terra as sagradas harmonias
Voavão para os céos.
Sentou-se sobre a lagem de um sepulchro,
Docemente beijou a cruz funerea,
E olhou para a amplidão, immensa, etherea,
Dos porticos de Deus.

O pranto deslisava-se nas faces
Como o orvalho nas folhas setinosas
Das brancas açucenas tão formosas
Na cálida estação.
Encostou-se na cruz, e baixo, a medo,
Não sei que nome murmurou gemendo
Como a nota final que vai morrendo
Perder-se n'ampidão...

.....

Passou! Era formosa. As negras tranças
Cahião-lhe na espadua alabastrina...
E tinha essa belleza peregrina
Do perfil andaluz.
Morreria de amor? A campá é fria...
Tudo ainda se envolve no mysterio...
E' triste essa mudez do cemiterio
E esse corpo sem luz!

À D. LUCIANA DE ABREU 1

Venho saudar-te n'este templo augusto,
Mulher distincta, que rompestes o véo
Com que a ignorancia nos mais torvos erros
Ha tanto tempo nossas mãis prendeu.

Foste a primeira no Brazil, que ousando
Cheia de crenças desprender a voz,
Convicta e firme, sem temer tropeços...
Echos hem santos despertaste em nós.

De preconceitos a mulher oppressa
E' triste planta que na sombra morre ;
Mas livre e sabiá, como mãi e esposa,
E' qual estrella que no céu discorre.

Foste a vidente que traçou no espaço
Da humanidade o seu destino, a lei ;
A nossa patria agradecida, altiva,
C'roar-te a fronte no porvir verei.

E a luz brilhante dessa c'rda bella
Sobre o gigante do Brazil 'stará,
E sobre as nymphas, as mimosas, filhas
Da nossa terra seu clarão dará.

Então cotrendo da memoria ao templo,
Dellas a turma com cheirosas flores
De verdes louros ornaráo-te a fronte
E em honra tua entoarão louvores.

O que disseste, Luciana altiva,
No patrio seio recolher-se irá,
Aberta a porta para nós das letras
A mulher livre entre nós será.

Janeiro 31 de 1874.

1 Recitada no oitavo sarão do « Parthenon » pela Exm.^a Sr.^a D. Maria José Coelho.

CHRONICA

SARÃO. — O sarão do Parthenon é presentemente a diversão mais agradável e mais sympathica ao bello sexo porto-alegrense.

Ali não se vão ouvir as conversações tediosas e frivolas dos bailes, não se vai ter o cansaço das valsas inglezas, nem as constipações resultantes do excesso da dança.

Ali o espirito alheia-se completamente ás preoccupações ligeiras e banaes da vida, e sente como que elevar-se a um mundo casto de illusões, nas azas candidas da poesia e da musica, essas duas expressões do que ha de divino em nós.

O ultimo sarão foi esplendido.

Sentimos não poder exceder dos limites traçados para esta chronica para occuparmos minuciosamente d'essa festa, que tão gratas recordações nos deixou.

Esboçemo-la unicamente.

Na noite de 28 do corrente teve lugar o 8º sarão, que sem contestação foi um dos mais variados e concorridos, a que temos assistido.

O salão estava litteralmente cheio de senhoras as mais distinctas de nossa sociedade e de um escolhido numero de cavalheiros.

A's nove horas, logo depois da chegada do Exm. Sr. presidente da provincia e sua Exm.^a familia, teve começo o sarão, tocando a overtura a Exm.^a Sr.^a D. Lydia de Aguiar, que foi entusiasticamente applaudida ao finalizar esse soberbo hymno nacional de Gottschalk, tão cheio de bellezas musicas, que só um verdadeiro talento sabe fazer sobresahir, arrebatando um auditorio.

Occupou a tribuna das preleções o distincto consocio Sr. Alexandre Bernardino de Moura, que provou-nos a robustez de seu talento e o aproveitamento de seu estudo, na these: « Qual é o destino da mulher? »

Cantarão magistralmente as nossas já conhecidas amadoras, Exm.^{as} Sr.^{as} D. Francisca Cordeiro, D. Amanda Olinto e D. Patricia de Lima, que n'essa noite deixarão o nosso espirito indeciso sobre qual cantaria com mais melodia de voz, mais graça e mais estudo.

Não sabemos a quem devessemos conceder a palma da victoria.

Foi uma noite de verdadeiros triumphos.

Recitarão ao piano poesias consagradas ás glorias do Parthenon as Exm.^{as} Sr.^{as} D. Florisbella Leite de Castro e D. Luiza Liz Corrêa; e poesias lyricas as Exm.^{as} Sr.^{as} D. Raphaela Barreto de Azambuja, D. Felisberta de Lima, D. Dulce de Castro e D. Edelvira de Azevedo.

Abrihantarão a parte litteraria com a belleza de suas produções poeticas os socios José Bernardino, Totta, Apelles e Damasceno.

Seguiu-se o baile, que prolongou-se até ás 3 horas da madrugada.

— No dia 25 a associação — Amor á Litteratura — festejou com uma sessão magna o primeiro anniversario de sua installação.

O « Parthenon » fez-se representar n'esta solemnidade por uma commissão composta dos Srs. Apelles Porto Alegre, Pedro Antonio da Silva Horta e Joaquim Alves Torres.

A' nossa co-irmã desejamos longa existencia e uma coroa entrelaçada de triumphos.

— HISTORIA DA MEIA NOITE. — Com este titulo acaba de sahir das officinas do Sr. Garnier uma mimosa collecção de contos do nosso festejado poeta Machado de Assis.

E' escusado recommendarmos ao publico este livro; elle contém em si a mais brilhante recommendação: é trazer a assignatura do autor das « Crysalidas » e dos « Contos fluminenses ».

— FERRIÇO D'UNS BEIJUS. — Deixamos de publicar a continuação d'este romance por affluencia de materia. Na seguinte « Revista » sahirá a conclusão.

— MOSQUITO: — Com este titulo publicou-se no dia 1º um periodico.